



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Dirce Aparecida dos Santos de Lima

**A criança, o Édipo, a mulher e a mãe: *Che vuoi?*  
Considerações psicanalíticas sobre a relação mãe e  
filha**

**MONOGRAFIA**

**Departamento de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da  
PUC-Rio em Psicologia Clínica.**

Rio de Janeiro, Janeiro de 2017

Dirce Aparecida dos Santos de Lima

**A criança, o Édipo, a mulher e a mãe: *Che vuoi?*  
Considerações psicanalíticas sobre a relação mãe e filha**

**Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.**

Professora Orientadora

Elizabeth da Rocha Miranda

Rio de Janeiro, Janeiro de 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou e dirigiu meus caminhos.

Agradeço aos meus pais, que com sabedoria, me ensinaram a ser uma pessoa digna, honesta e leal.

Agradeço ao meu marido, por ser meu melhor amigo, fiel e por me apoiar em meus sonhos, me dando força e coragem.

Agradeço à minha filha que sempre foi minha fonte de inspiração, para eu nunca desistir, pois sempre é tempo de recomeçar algo novo, basta acreditar.

Agradeço aos meus amigos, que em suas palavras de felicidades pelas opções de meus sonhos, me motivaram a seguir em frente.

Agradeço aos meus professores por me ajudar abrir meus horizontes, com seus conhecimentos, e chegar até aqui.

Agradeço à Vanuza Postigo, por acompanhar no meu desenvolvimento pessoal e profissional, me ajudando fazer reflexões significativas, promovendo o meu caminhar mais leve e claro. Sendo fonte de inspiração, como referência de ações em minha vida.

Agradeço a professora Elizabeth da Rocha Miranda, pela orientação em minha monografia.

Agradeço à professora Vanisa Santos, pelas suas supervisões durante o estágio no SPA, me orientando as formas de manejo junto aos meus pacientes.

Agradeço aos meus pacientes, pela experiência enriquecedora de conhecimentos do atendimento na clínica e a certeza que a psicanálise é o melhor caminho, para uma mudança real.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar as temáticas da mulher, do feminino e da maternidade, na clínica psicanalítica contemporânea, tendo como base a compreensão de como se dá a constituição do sujeito, a partir do processo do complexo de Édipo entendendo que nessa relação primária e na relação alteritária, que se constrói a subjetividade humana.

O objetivo específico compreender a relação de uma mulher, com sua filha, tendo como inspiração o atendimento clínico de uma adolescente, na clínica do SPA da PUC-RJ, que suscitou esta pesquisa teórica clínica.

Palavras-chave: Constituição do sujeito, complexo de Édipo, feminino, maternidade.

## **ABSTRACT**

The present work has as general objective to study the themes of woman, feminine and maternity, in the contemporary psychoanalytical clinic, based on the understanding of how the subject is constituted, starting from the process of the Oedipus complex, understanding that in this relation primary and in the alteritary relation, that the human subjectivity is constructed.

The specific objective is to understand the relationship between a woman and her daughter, inspired by the clinical care of an adolescent, at the SPA clinic of PUC-RJ, which gave rise to this theoretical research.

Key words: Constitution of the subject, Oedipus complex, feminine, maternity.

Epígrafe:

Figura 1- Paciente poli queixosa, não quer fazer aula de judô.

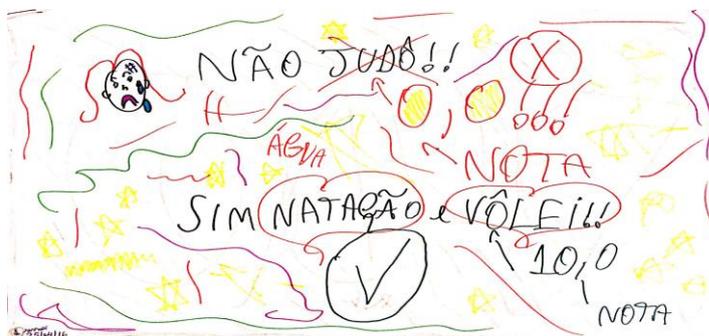


Figura 2- Desenho de rabiscos coloridos, definição pela paciente.

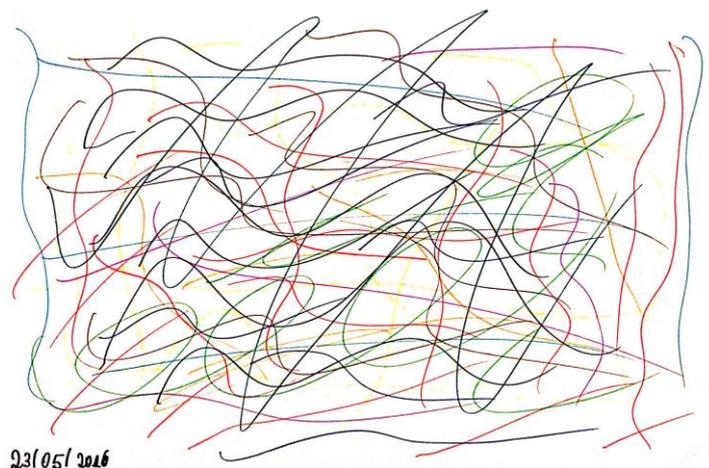
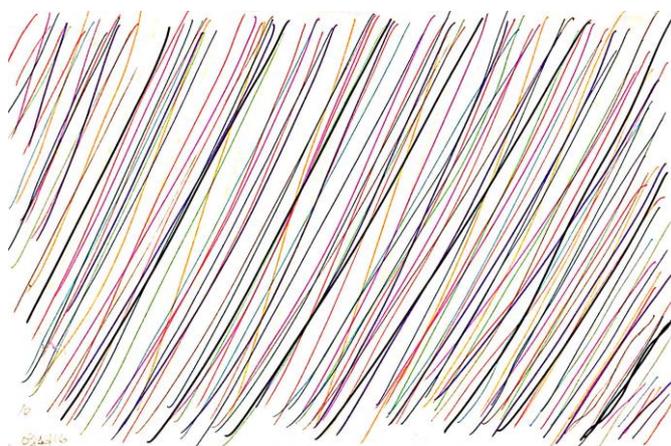


Figura 3- Desenhos coloridos, definição pela paciente.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1. CONCEITO DE FAMÍLIA E DE INFÂNCIA, MODELOS DE FAMÍLIAS MODERNA E CONTEMPORÂNEA DENTRO DA CULTURA</b> .....	10
1.1. Breve histórico da família ao longo dos séculos. ....	10
1.2. As transformações culturais da família moderna. ....	14
1.3. A família e sua construção da conjugalidade contemporânea. ....	15
<b>2. FREUD: MULHER, FEMININO, FEMINILIDADE E MATERNIDADE.</b> .....	20
2.1. A constituição do sujeito, o complexo de Édipo e suas escolhas...20	
2.2. Freud e a relação mãe x filho.....	23
2.3. Maternidade e feminilidade .....	25
<b>3. LACAN: A MULHER, FUNÇÃO DA MÃE, FUNÇÃO DO PAI</b> .....	29
3.1. Lacan, a função paterna e a função materna.....	29
3.2. Lacan e o complexo de Édipo .....	31
3.3. Lacan e a relação mãe x filho-falo .....	34
3.4. A relação criança entre a mãe e a mulher.....	36
<b>4. FRAGMENTOS DE UM CASO CLÍNICO DE UMA MENINA, SUA MÃE, SEU PAI E O FALO</b> .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	50

## INTRODUÇÃO

Em algumas teorias psicanalíticas encontramos relações diretas da maternidade com a feminilidade, postulando o “ser materno” como consequência ou resposta ao “ser mulher”, para tanto, precisamos pensar acerca da relação mãe-criança não somente na teoria psicanalítica como na cultura como um todo. Durante os séculos XIX e início do século XX, alinhava-se a definição de feminilidade pela maternidade, porém, tal pensamento não é capaz de abarcar a distância entre o ser mãe e o ser mulher, pois a maternidade não é respondida pelo enigma do feminino.

Até o século XVIII a relação mãe x criança era distante da que conhecemos e aceitamos hoje, a criança era tratada de forma indiferente, e com algum desinteresse por parte da mãe, pois o bebê era considerado inacabado e imperfeito.

No final deste século, inúmeros foram os estudos engajados na relação mãe x filho com o propósito de reestabelecer vínculos e “definir” o papel da mãe e da maternidade. Tais publicações ofertaram revolução de pensamento e postura, modificando radicalmente a imagem, função e importância materna, direcionando a mulher a figura maternal, impondo- a obrigação de ser mãe e produzindo o mito do instinto materno ou do amor espontâneo da mãe pelo filho. Os cuidados maternos e a maternagem passaram a ser considerados fundamentais para a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

O mito do instinto materno nos leva a questionar o que de fato há de natural e de “instintivo” na maternidade. Freud indica a equivalência do filho com o falo (o falo simbólico para a mulher) tem sido o fio condutor da relação mãe-criança. Mas é Freud também que com a sua teorização da pulsão x instinto quem rompe com qualquer natureza “instintiva” no sujeito humano, construindo o conceito de pulsão e de todo o polimorfismo de seu objeto. Nesse sentido que vamos pensar em psicanálise que não se trata de um instinto materno que está em jogo na relação da mãe com seu bebê e sim uma construção pulsional que envolve o desejo, o falo, a lei e etc.

Com os estudos freudianos, consegue-se chegar à conclusão de que a função materna propriamente dita inicia-se antes mesmo da concepção ou nascimento do filho, ela nasce da necessidade de continuidade e de reconhecimento. Lacan nos diz que podemos pensar o filho como fruto da metáfora do casal, ou seja, o ser humano demanda outro, a criança nasce do amparo ao narcisismo dos pais, ela é antecedida de um desejo.

Para Lacan, a mãe é o outro primordial, e é a partir da relação que se estabelece com a mãe ou com a figura maternal, que a criança cria o mundo fruto de suas projeções e identificações.

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar as temáticas da mulher, do feminino e da maternidade, na clínica psicanalítica contemporânea, tendo como base a compreensão de como se dá a constituição do sujeito, a partir do processo do complexo de Édipo entendendo que nessa relação primária e na relação alteritária, que se constrói a subjetividade humana.

O objetivo específico compreender a relação de uma mulher, com sua filha, tendo como inspiração o atendimento clínico de uma adolescente, na clínica do SPA da PUC-RJ, que suscitou esta pesquisa teórica clínica.

Neste percurso faremos inicialmente no primeiro capítulo uma breve introdução do percurso histórico cultural dos processos evolutivos de família e de infância, particularmente dos modelos de família moderna e contemporânea, para nos dedicarmos à compreensão da construção do sentimento de família, conjugalidade e maternidade. Utilizamos o autor Philippe Ariès (1978) e seus documentos icnográficos, do livro: A História da criança e da família, que permitiu acompanhar ascensão do sentimento da família e da infância, assim como os autores desse campo de estudo como, os sociólogos François De Singly (1993), Jeni Vaitsman (1995). Em conjunto a coordenadora no Núcleo de família e comunidade da PUC-SP Maria Rosa Macedo (1994), e o professor psicanalista da PUC-RIO Carlos Eduardo Veiga (2001), autores que apresentam as transformações culturais da família moderna e a contextualização do conceito do casal na contemporaneidade, assim como se apresentam nas suas relações amorosas e familiares.

No segundo capítulo, dentro de uma abordagem psicanalítica, nos aprofundaremos ao estudo das contribuições de Freud, na constituição do sujeito e suas escolhas, através do complexo de Édipo e toda a trama amorosa, envolvida entre a mãe, bebê, pai e o terceiro da relação. Utilizo a psicanalista Angela Maria Menezes de Almeida (2012), sobre os temas: maternidade e feminilidade.

No terceiro capítulo vamos nos dedicar à compreensão da abordagem psicanalítica de Jacques Lacan, o autor prossegue mais além das teorias freudianas, dando uma ênfase da introdução da função paterna, à Lei o “Nome-do-Pai”, como operação lógica da linguagem do inconsciente, no complexo de Édipo, estabelecendo a função do pai e da função da mãe e a interação realizada nos registros real, simbólico e imaginário. Para ilustrar temos psicanalista do Departamento de psicologia Clínica da Uerj, Teresinha Costa(1942), sobre o Seminário 22, R.S.I. de Lacan.

No quarto capítulo traremos a apresentação de fragmentos de um caso clínico de uma jovem adolescente em atendimento na clínica psicanalítica do SPA-PUC, do qual pela análise da paciente pudemos acompanhar todo o desenrolar da relação edípica amorosa, entre seu pai, sua mãe, e todo o seu complexo edípico nessa trama, articulando com a teoria psicanalítica de Freud e Lacan. Recorro as psicanalistas ambas as professoras do Curso de Especialização em Psicologia Clínica na PUC-Rio: Elizabeth da Rocha Miranda (2002), Mestre em psicanálise da Uerj e Maria Anita Carneiro Ribeiro(2003), pós-Doutora em psicologia pela Puc-Rio, psicanalista AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil, e também coordenadora do curso acima citado.

Vamos finalizar nosso trabalho em uma discussão que contemple uma articulação entre a teoria e a clínica, trazendo uma leitura do caso clínico à luz da teoria psicanalítica privilegiando as contribuições de Freud e Lacan.

# 1. CONCEITO DE FAMÍLIA E DE INFÂNCIA, MODELOS DE FAMÍLIAS MODERNA E CONTEMPORÂNEA DENTRO DA CULTURA

## 1.1. Breve histórico da família ao longo dos séculos.

A partir da Idade Média, através dos estudos históricos de Philippe Ariès (1978), observados nos documentos iconográficos, do livro: A História Social da Criança e da Família permitiu acompanhar a ascensão do sentimento da família e da infância. Realizado através da iconografia, em imagens que introduziram o surgimento da mulher, os vizinhos e companheiros e por fim a criança. Imagens essas que ligavam a uma necessidade desconhecida de intimidade, vida familiar e “em família”.

Até o século XVII, através da iconografia, com sua extremamente importância na época, foi essencial a continuação da representação da vida exterior e pública. A realidade da vida no público, as pessoas viviam misturadas entre elas como: senhores, criados, crianças e adultos, não tinham espaço para haver uma intimidade, logo para a família não existia um sentimento ou valor. Contudo ao longo do século XVI, a iconografia dos meses sofre uma última transformação significativa, que seria uma iconografia da família, onde simbolizavam a duração da vida através da hierarquia da família. São representações as idades da vida, desde juventude, a maturidade em torno dos filhos, velhice, a doença e a morte, fazendo surgir o sentimento de família, que antes não estava presente.

Através de uma análise iconográfica, feita por Ariès diz:

O sentimento de família que emerge nos séculos XVI-XVII é inseparável do sentimento de infância. “O interesse pela infância é a expressão particular do sentimento mais geral, o sentimento de família”. Logo conclui: “O sentimento da família era desconhecido da idade média e nasceu nos séculos XV-XVI, para se exprimir com vigor definitiva no século XVII”. (Ariès, 1978, p.143).

Para o autor, os laços de sangue são constituídos de dois grupos sociais: a família e linhagem. Sendo que a primeira, comparada como a família moderna e a segunda como de uma extensão de solidariedade a todos os descendentes de um mesmo ancestral. Entretanto havia uma oposição entre a família e linhagem, onde ambas não poderia caminhar juntos para o progresso, pois uma enfraqueceria a outra. Com o enfraquecimento a linhagem e as tendências à indivisão da família, no final da Idade Média, originaram-se teorias tradicionalistas do século XIX sobre a grande família patriarcal.

A Idade Média foi um período que possuía uma concepção particular de família: a linhagem. A única possível de entendimento, não havendo o conhecimento ao sentimento de família, ligado a casa, ao governo e vida desta.

A família subsistia no silêncio, nesse momento histórico não havia sentimento de infância e muito menos sentimento de família, o que teria era o sentimento de moral e de sociabilidade. Pela falta de conceito de infância, os deveres de cuidados sobre essas crianças, não tinham relevância para os adultos, portando estes consideravam elas como figuras anãs, pois a importância que se dava era o social, ou seja, ambição e reputação, que foi até os meados do século XVII, com os ideais heroicos Renascentistas. As famílias aristocráticas, camponesas e burguesas, ambas não cuidavam dos seus filhos. O cenário era que a criança ao completar sete ou nove anos, quando já estavam no desmame, elas eram inseridas no mundo dos adultos, no objetivo de adquirirem conhecimentos básicos, para ter uma boa conduta, nos seus comportamentos, nas relações sociais. Há um ofício e para tal era necessário uma educação, que só era possível ser feita pelas práticas domésticas, como ensino, pois não existia a escola e a casa era tida como lugar público e privada. (Ariès, 1978, pg 174).

A partir do XIII, foi possível uma nova organização social, pela família, onde ela necessitou de um distanciamento, um isolamento da vida particular com a pública. A reorganização da casa moderna e a reforma de costumes possibilitou um espaço maior de intimidade na família. A consciência dos sentimentos de infância e seus cuidados permitiu a redução da família, ocorrendo uma exclusão de criados, clientes e amigos, de acesso limitado aos interiores mais fechado, da

casa, somente pelo corredor, assegurando assim uma independência dos cômodos. Há uma importância nas questões de saúde e de higiene, em relação às doenças graves, uma preocupação com as crianças, com a saúde e a educação, fortalecendo os laços afetivos. Então a saúde e educação passaram a ter uma relevância, na sociabilidade. Começa a ser instalado o processo de individualismo sobre as obrigações sociais, composta nos membros da família. Assim a família torna-se um sistema fechado, um isolamento a busca de um prazer particular. Havia uma compatibilidade entre o sentimento de família e a sociabilidade, pois os recursos já não eram os mesmos, de patrimônio e reputação, conforme o *Ancien Régime*, onde um não podia se desenvolver no outro. (Ariès, 1978, pg.185).

No século XV, com a extensão da frequência escolar uma revolução profunda e lenta nas realidades e os sentimentos da família, que se transformariam, possibilitando mudanças em direção à família moderna. A transição da educação das crianças passando a aprendizagem para escola, que antes era reservada para clérigos, tornando-se como instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto. Essa evolução teve como dois motivos: uma necessidade nova de rigor moral, de isolamento da juventude do mundo dos adultos, por parte dos educadores e outro motivo uma preocupação por parte dos pais de vigiar seus filhos, mais de perto. Sem ter que abandoná-los, temporariamente, aos cuidados a outras famílias. A substituição da aprendizagem pela escola possibilitou aproximação da família, das crianças, do sentimento da família e o da infância, que antes eram separados. A família concentrou-se em torno da criança. Um clima sentimental diferente se instala como se a família moderna e a escola, tivessem nascido ao mesmo tempo, a partir do hábito geral de educar as crianças na escola, sentimento esse bem próximo do nosso. (Ariès, 1978, pg 159).

Segundo Ariès (1978, p.185), o sentimento de família só foi possível, se confirmar no seu desenvolvimento, quando houve um progresso da vida privada, necessário para a casa ter um espaço mais fechado, interno.

Através dos progressos de sentimento da família, permitiram ela sair do seu silêncio. A intimidade se expande nas formas e expressões, de sentimentos

mais íntimos, entre os membros da família diferenciando dos estranhos, no tratamento entre as pessoas. Estabelecem a partir dessa relação cotidiana, onde os pais passam a valorizar uma preocupação maior, para as questões de higiene, saúde, educação das crianças, (Ariès, 1978, pg. 186).

No século XVII a família teve um marco fundamental de diferenciação da família medieval, com o retorno da criança ao lar. Os adultos passaram a se preocuparem com sua educação, carreira e futuro. Então a criança tornou-se um elemento fundamental indispensável na vida cotidiana.

No entanto essa família não poderia ser uma família moderna, pois se distinguiu desta, pela enorme massa de sociabilidade que conservava que caracterizava nas grandes casas. Existia como centro das relações sociais. Ao contrário, a família moderna busca o afastamento do mundo se separando dele e opõe à sociedade o grupo solitário, dos pais e filhos. Cada criança passa a ganhar uma promoção particular e sem ambição coletiva dentro do grupo, mas de uma importância maior.

Houve uma limitação das classes sociais: aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos, durante muito tempo na evolução da família medieval para família do século XVII e para família moderna. O que poderia ver no início do século XIX, crianças afastadas das casas dos pais, fazia parte de uma população mais pobre e numerosa, viviam como as famílias medievais. Elas não tinham sentimento de casa, logo não tinha sentimento de família.

A partir do século XIII, e até os dias de hoje, o sentimento de família se modificou muito pouco. Embora ele permanecesse o mesmo nas burguesias rurais e urbana do século XVIII, houve uma extensão para outras camadas sociais.

Na Inglaterra no fim do século XVIII, houve o progresso da vida familiar. Sendo que o modo ideal de vida familiar burguesa tiveram obstáculos conforme aos seguintes os fatores: o casamento tardio, a precocidade do trabalho, os problemas habitacionais, a mobilidade do estágio do auxiliar junto ao mestre, a persistência das tradições de aprendizagem. Foram obstáculos que só foram removidos pela a evolução dos costumes. (Ariès, 1978, pg189). Não foi o

individualismo que triunfou, nessa evolução, mas a família, no crescimento do seu sentimento, juntamente com o sentimento da infância.

## **1.2. As transformações culturais da família moderna.**

Grandes transformações na sociedade ocorreram durante os séculos. As mudanças sociais influenciaram tanto as famílias, quanto os casais. O modo como a sociedade sofreu os conflitos, como nos aspectos políticos, econômicos e sociais, obtiveram resultados significantes. Tais fatos determinaram que as famílias reorganizassem suas estruturas, dentro da dinâmica do seu sistema. Segundo Ariès (1978, p.143), da família conjugal moderna, no final da idade média, houve um enfraquecimento da linhagem e as tendências à indivisão, como consequência sua evolução.

Macedo (1994) confirma que no final do século XVIII e início do século XIX, houve uma transformação da família, a partir de uma organização estrutural de família nuclear. Seria uma transição na qual a família passa para uma realidade afetiva, que antes era moral e social. Há uma concentração na privacidade e educação das crianças, com o surgimento do sentimento de infância e o advento da burguesia.

No século XIX, os tradicionalistas tomaram como base esse modelo de família, para inventar a família patriarcal, no propósito de atender os princípios da moral, da higiene e os bons costumes. Instauram um cuidado intenso com a prole, a fim de proteger e educar seus filhos, também a monogamia, fidelidade e principalmente o amor conjugal. Tais características seriam para proporcionar um lugar de refúgio, de proteção, de lealdade e amor, o pai como provedor e responsável pelo bem estar da família, ganha respeito à sua autoridade entre seus membros. A família patriarcal torna uma representação social, como modelo idealizado, logo após o primeiro período da industrialização, assim deixa de ser restrito à burguesia se estendendo para a classe operária.

A autora ressalta que de acordo com uma definição psicológica, a família tem como característica fundamental ser composta de relações afetivas e de compromisso, na qual seus membros possam ter uma durabilidade permanente. Com o objetivo para atender as necessidades primárias de seus membros, providenciar um contexto apropriado, seria atingir os recursos de sobrevivências. Portanto seriam: um lar, segurança e alimentação; para um desenvolvimento, através de afeto, cognição e social; para um sentimento de aceitação, pelo ato de ser cuidado e amado. Para obter um bom desenvolvimento da personalidade é fundamental alcançar essas necessidades, que dependerá da família proporcionar uma estrutura e relações adequadas, em que seus membros possam obter uma evolução progressiva. Para ganhar o mérito de uma boa família, aquela que prover um ambiente saudável, nas suas relações, de um lugar seguro e confiável, favorecerá a direção do seu crescimento.

Dentro desse contexto, o modelo de família tem uma importância na perspectiva psicanalítica, visto que um dos principais conceitos psicanalíticos, o complexo de Édipo, se constrói em torno dos amores edípianos entre os pais e seus filhos, uma rede de relações nas quais observamos a interação dos laços sociais nos quais o sujeito vivencia sua infância, através de organização da sua constituição subjetiva.

Para que a família patriarcal triunfasse a partir do final do século XVIII, em direção à modernidade, era necessário todo processo do sentimento de amor, como uma possibilidade no casamento, sendo que sua valorização iria se potencializar a partir do século XX.

### **1.3. A família e sua construção da conjugalidade contemporânea.**

Nos tempos modernos a família e o casal contemporâneo passam por um processo de individualização, ou seja, o que se busca é a autorrealização e da autonomia pessoal. Seria a realização um projeto próprio, de felicidade, desprendido de qualquer controle ou influência de sua família de origem, na vida do casal e dos indivíduos.

A família contemporânea passa a modificar o sentido de sua união, onde a razão de estar junto, de felicidade, de prazer, se instala numa nova realidade, onde o núcleo familiar ganha mais importância na sua construção.

Singly (1993) nos diz que a família contemporânea no objetivo de adquirir sua independência, proporciona um espaço em que seus indivíduos possam realizar e para isso o foco é atenção nas relações interpessoais, para uma qualidade melhor é imprescindível à independência dos círculos de parentesco e também dos membros, homens e mulheres em relação à família formada. Há um distanciamento entre os círculos de parentes e a família nuclear, devido não haver mais a valorização de uma dependência entre eles. Portanto a família nuclear vai promover uma construção de zonas comuns e seus membros terão uma participação em suas convivências, a fim de buscar uma autonomia individual.

Conforme Singly (1993), a família contemporânea centraliza em suas relações interpessoais e suas satisfações que estabelecem, se desprendendo do compromisso sobre a transmissão de patrimônio econômico, pois a qualidade das relações interpessoal ganha uma valorização maior do que a perenidade do grupo familiar.

Veiga (2001) postula que a diferenciação do casal de uma família moderna diante as gerações anteriores é a conquista de autonomia maior, devido ao aumento de sua independência em relação ao seu círculo de parentes. Houve um investimento afetivo maior na família nuclear do que na família de origem, com isso ocasionou um fortalecimento no vínculo conjugal. A disponibilidade dos cônjuges são maiores entre si e aos seus filhos, do que aos seus parentes, o que resulta num afastamento da parte do casal com sua família de origem, entretanto as relações se matem, sem que haja um rompimento.

Singly (1993) afirma que pode haver uma desestabilização entre os laços de filhos adultos e seus pais, no casamento. Mas pode haver um enfraquecimento da relação do casal, devido a uma ligação muito estreita entre pais e filhos adultos casados. Não há uma aceitação da interferência dos pais na vida dos filhos casados, na qual faz parte de uma família contemporânea. Então o casal se diferencia de sua família de origem, visto torna-se mais independente e autônomo

e voltar-se ao núcleo constituído por eles, com mais disponibilidade do que ao núcleo de origem.

Veiga (2001) concluiu que “a concepção do casal sofre uma progressiva mudança da desvalorização da dimensão institucional do casal e o aumento da valorização das necessidades individuais na relação”. (VEIGA, 2001, p.9)

O autor diz que com a família sofre uma passagem de moderna (do século XIX aos anos 60) para pós-moderna (após os anos 60), caracteriza que nas relações o que vai prevalecer são as satisfações pessoais, muito mais enfatizada a felicidade pessoal e não a felicidade da família. A infelicidade dos cônjuges em sua união os faz perceberem que não precisam se manter juntos. Neste sentido, há fragilização nas relações, pelo fato de que a satisfação pessoal de seus membros são que as regulam.

Entretanto, o que se pode afirmar é que a vida comum não pode ser mais protegida pelo casamento, como instituição, visto perder sua legitimidade. Numa relação amorosa estável, em que duas pessoas, mesmo sem se casar, podem viver juntas, seria por obedecer a uma lógica afetiva em sua relação e não pela instituição.

Segundo Veiga (2001), a partir dos anos 60, houve uma mudança dos indivíduos no grupo familiar, que se constituíram, a desvalorização da ideia do casamento como uma relação indissolúvel. Na contemporaneidade a valorização da duração do casal só é possível se entre os cônjuges possam proporcionar as satisfações esperadas. Na relação conjugal há necessidade de estabelecer laços conjugais, tanto quanto o crescimento da valorização da autonomia dos indivíduos, porém é fundamental que haja estabilidade da relação conjugal da negociação dos aspectos essenciais para os parceiros. O condicionamento do relacionamento de um compromisso passa a se manter, se for pelo prazer e útil aos indivíduos, ou seja, na contemporaneidade, as relações são constituídas em torno dos indivíduos e da construção de suas identidades.

O autor afirma que o casal pode se tornar mais frágil, conforme as relações tiverem que sustentar, permanentemente, o indivíduo na busca de si mesmo, pela

adesão maior ao sistema de valores. Quando um indivíduo se beneficia de mais direitos em relação ao “nós-família”, gera insatisfações conjugais de uma parte e consequentemente o desejo de divórcio, de outra parte. A família pós-moderna adota uma lógica pela busca das satisfações das necessidades psicológicas de cada membro do casal e não de solidariedade.

Vaitsman (1995) define a família moderna, aquela que apresenta uma estruturação por hierarquia de funções e papéis. Eram marcados, pelo público sobre o domínio do homem e o privado sobre o domínio da mulher. Dentro da dicotomia pública e privada eram a única condição em que a individualidade feminina e masculina podiam se expressar. Entretanto, para esse tipo de casamento, há a subordinação da individualidade feminina em relação à masculina.

A igualdade entre homens e mulheres só foi possível, quando houve uma redefinição da divisão dos domínios, dos papéis e funções entre eles, favorecendo assim manifestações de conflitos e aumento de separações.

Assim a família e o casamento passam por transformações, em virtude a participação maior da mulher no mundo público, a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre o público e o privado definida segundo o gênero.

Veiga (2001) relata que na contemporaneidade, a crise e a transformação do modelo de família e do casal, em virtude dos conflitos são a partir da ruptura da dicotomia entre os papéis sexuais e por instabilidades, incertezas e mudanças presentes no cotidiano.

Os cônjuges passam a ter uma valorização na individualidade e que tanto homens quanto mulheres, almejam o desejo de projetos de vida diferentes entre eles, o que acarretou conflitos, em virtude de que no casamento adquiriu novas atribuições.

Vaitsman (1995) e Veiga (2001) afirmam que, a integração do cotidiano dos indivíduos, atualmente, é marcada pela fragmentação, instabilidade e incerteza, dentro das formas de institucionalização do casamento e da família. Sendo assim, o que caracteriza na pós-modernidade é a inexistência de um único

modelo familiar. A partir desses traços começa a possibilidades de novos modos de institucionalização de escolhas e novas maneiras de administrar as relações afetivo-sexuais.

## **2. FREUD: MULHER, FEMININO, FEMINILIDADE E MATERNIDADE.**

### **2.1. A constituição do sujeito, o complexo de Édipo e suas escolhas.**

Freud em toda sua construção teórica vai articular as suas experiências no atendimento clínico psicanalítico com seus casos clínicos. Através de suas cartas à Fliess que Freud (1895) faz a grande virada teórica, quando ele descobre o fenômeno da fantasia que opera sobre o sujeito, no seu comportamento como um sintoma. Freud concluiu que teria que abandonar a teoria de sedução de seus pacientes, principalmente “suas histéricas”, pois caso contrário, ele teria que afirmar que todos os pais seriam perversos, incluindo o dele. Ele descobriu que não se tratava de uma sedução, mas de uma fantasia de uma ordem, de uma realidade psíquica. Freud relata que essa fantasia mítica gerava em torno das problemáticas dos pais, de uma ambivalência em relação aos pais, como fenômeno universal.

Assim, ele vai utilizar o mito grego da peça Sófocles na compreensão da origem do mito do complexo de Édipo na psicanálise, como núcleo de base das neuroses. A explicação do mito segundo Freud é necessário para que seja feita a constituição psíquica, estabelecer essa instalação da Lei da interdição do incesto, articulado a outro mito do “Totem e tabu” (1913), à interdição ao parricídio. Nesse desenrolar da trama edípica uma das questões centrais do Édipo são as identificações, tema que Freud explora longamente essa temática ao longo de sua obra.

Freud em seu texto: “Psicologia das massas-Análise do eu” (1921), retoma a questão das identificações da “Interpretação dos sonhos” (1900), com a pretensão de fazer um aprofundamento teórico. Portanto, Freud apresenta três formas de identificações. A primeira é a identificação originária, a forma mais originária de ligação afetiva com objeto. Uma ideia primordial, que é a ideia da incorporação do pai mítico. Freud refere-se à primeira identificação com o pai, no texto: “Totem e Tabu” (1913), onde a horda primeva existia um pai gozador de todas as mulheres, o único que reinava de um poder exclusivo como gozador. Fato

esse, foi motivo de revolta dos filhos, por não usufruir dos mesmos direitos de gozo, tomam a decisão de uma rebelião para matar o pai, a fim de que eles pudessem substituir esse lugar do pai.

Para estabelecer uma organização, em que a horda não fosse exterminada, os filhos criaram o Totem e Tabu, que são regras (leis), de como usufruir as mulheres e não matar o pai, fato este que desprendendo do sentimento de culpa, para não colocar a prática do ato. Assim, cria-se a cultura, com suas leis em que o pai é morto, simbologicamente, como Totem (símbolo), representativo numa figura qualquer (um animal, planta etc.), que não pode se aproximar dele. Porém a única forma de contato mais próximo seria, através de um ritual chamado, “banquete totêmico”, numa festa em que eles se reúnem, dançam, bebem e matam um animal, como sacrifício e comem esse animal o pai simbólico, nesse banquete. Há uma incorporação (introjeção) do pai, uma identificação, um pai totem; um pai de uma identificação originária.

Freud teve como finalidade nesse texto, fazer a criação do “mito”, para que todos pudessem entender o que seria um pai (da horda primeva, sendo ele o que impõe à Lei, sem privação. Ele é o que tem o poder de obter o gozo, mas interdita o acesso aos filhos, pelo processo da castração. Ou seja, esse pai como inimigo temível de todo e qualquer interesse nas atividades sexuais). Para além, irá contribuir para teoria de Lacan, um pai real, simbólico e imaginário, que na divisão dos três registros, onde esse pai do gozo é o pai real. O pai simbólico é o pai morto e o pai imaginário é o pai da família, aquele que porta, o grande Outro é o lugar que porta os a(s)-“outrinhos”, seria a mesma forma, que o pai imaginário porta o pai simbólico e o pai real, onde é perceptível na clínica, esse pai real, o pai pecador, da castração, gozador, do totem tabu. Iremos retomar a teorização lacaniana mais adiante.

Queremos aqui destacar a ligação com objeto, à incorporação do objeto mítico, que é o pai. Em psicanálise o que vamos ver que, a primeira identificação é com o pai, independente do sexo (menino ou menina), pois é o pai que exerce uma função de pai, daquele que barra com a lei. O primeiro afeto é sempre com a mãe, porque é ela que investe de amor no corpo do bebê, erotizando-o, ela que

priva o bebê de toda questão da sexualidade e da erotização, por isso ela, vai ser o primeiro objeto de amor, para ambos os sexos, como protótipo de todas as relações futuras. “Existe, portanto, boas razões para que o ato de uma criança sugar o seio da mãe se torne o protótipo para toda relação de amor. Encontrar um objeto (*die Objektfindung*) é na realidade reencontra-lo”. (FREUD, 1905/1972, p.125-126).

A segunda identificação chamada como identificação regressiva, onde ela toma o lugar da escolha de um objeto, ou seja, regressiva, pois volta para a identificação originária, utilizando um elo com o traço unário (um traço do pai). Um exemplo: no Caso de Dora (1905), ela se identifica com traço do pai, a tosse. Esta se apresentou por um bom tempo, uma tosse que seria uma identificação histórica, ao traço do pai, que segundo Freud vai chamar de identificação regressiva, que é do mesmo pai da identificação originária, a um traço desse pai, que a marca e funda um sintoma.

A terceira seria a identificação histórica (ao falo), Freud dizia que é colocar-se a uma identificação a do outro, no lugar do outro, onde sempre tem algo com relacionamentos afetivos, numa ”comunidade afetiva”, num triângulo amoroso. A histórica se coloca na mesma situação idêntica a do outro.

Segundo Freud durante a infância, “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época” (1900, p.261). Todo ser humano tem como origem seus pais, seus laços amorosos mais próximos, uma triangulação que se estabelece na constituição do sujeito, como o centro do conflito humano, do qual se definirá a sua estrutura psíquica nessa interação. O complexo de Édipo se caracteriza por essa ambivalência, sendo esta inerente à identificação, pois o conflito se instaura desde início.

O processo do relacionamento edipiano se apresenta de forma diferenciada nos meninos e nas meninas. Há uma dessimetria entre o Édipo masculino e o do feminino, quando Freud ao formular a segunda tópica, em “O eu e o isso” (1923), que ele pode constatar tal fato. Há no complexo de Édipo vicissitudes de uma bissexualidade e uma identificação com um dos progenitores, tendo como

condição de passar pela teorização completa, finalizando o percurso normal. A bissexualidade como universal, faz do complexo de Édipo composto por uma dualidade de pólos positivos e negativos, do qual pode considerar também que o menino possa apresentar uma posição feminina. Embora a constituição do supereu, considerado como herdeiro do complexo de Édipo, tem como destino um diferencial entre os sexos, pois a passagem de troca dos pais, de objetos sexuais para objetos de identificações, para a menina, não percorre da mesma maneira, visto o período de duração no complexo de Édipo é mais longo, e há falha e incompleta, na constituição do supereu.

## **2.2. Freud e a relação mãe x filho**

Ao falarmos sobre a relação mãe x filho para Freud, precisaremos seguir o raciocínio do Complexo de Édipo e de Castração como meio para a definição da sexualidade. Freud deixa claro que para meninos e meninas, tais vivências não são de forma alguma equivalentes. Em um primeiro momento, ambos possuem a mãe como primeiro objeto amoroso, tendo com ela vínculo de amor, todavia, o destino deste amor assume para cada sexo, uma forma diferente.

No menino, o Complexo de Édipo se apresenta por conta de um investimento objetal para com sua mãe, direcionado em um primeiro momento para o seio materno, enquanto sua relação com o pai é basicamente de identificação. Tais relacionamentos não são perenes, uma vez que os desejos incestuosos de menino pela mãe se tornam diariamente mais fortes e intensos, enquanto o afeto pelo pai passa a ser de limitação, ou seja, o pai é visto como obstáculo para aquele desejo, surgindo neste instante o Complexo de Édipo.

A partir deste momento, a identificação com o pai carrega-se de hostilidade, e o desejo de livrar-se dele predomina, assim como o desejo de ocupar este lugar no desejo da mãe. A coexistência de sentimentos antagônicos inerentes à identificação, se expressa dominando a relação com o pai. Logo, o Complexo de Édipo no menino se caracteriza por uma atitude de ambivalência direcionada ao pai, e de relação objetal incestuosa com a mãe.

Freud (1924) diz que:

“Se a satisfação de amor no campo do Complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nesta parte do seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Neste conflito, triunfa normalmente a primeira dessas formas: o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo”. (1924, pg.208).

Na menina há um “desligamento” do desejo da mãe, e direcionamento deste desejo ao pai. Na teoria freudiana, a menina precisa abandonar não apenas a mãe como objeto de desejo original, mas precisará também, trocar de zona erógena, abandonando o clitóris em favor da vagina. Tal afastamento surge com o complexo de castração, que Freud demarca com fator específico na sexualidade da menina, uma vez que percebe não possui um pênis e que tal “deficiência” e responsabilidade direta da mãe.

Porém esta relação com a mãe não será totalmente abandonada, ela marcará as relações desta menina com o pai, parceiros e a maternidade. Freud nos diz que não se trata apenas de uma permuta de objeto de desejo, por conta da falta do pênis. Trata-se, então, diz Freud, de “um passo que se acompanhada de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio” (Freud 1932, p. 122).

É a falta do pênis que direciona a menina a se posicionar de forma diferente com relação à mãe, mudar de zona erógena e entrar no Complexo de Édipo. Uma vez que não está sob a ameaça da castração (o que retira o menino do Édipo), a posição edípiana da menina permanece por tempo indeterminado e quando desfeito muitas vezes tardiamente ou de forma incompleta.

O Complexo de castração representa um marco na sexualidade da menina, e Freud nas “Conferências” (1933) propõe que três respostas possíveis à castração podem ser dadas, como a inibição sexual, masculinização e a feminilidade normal. Ainda para Freud, a feminilidade é estabelecida de fato, quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo do filho, ou falo simbólico. (Ibid. pg. 282)

É Jacques Lacan quem avança na teorização sobre a questão da relação edípica, trazendo vasta contribuição sobre a trama das relações que envolvem o

bebê, sua mãe, seu pai e o falo. Vamos então explorar essas contribuições teóricas.

### **2.3. Maternidade e feminilidade**

Segundo Almeida (2012) ressalta Freud ao longo de sua obra, durante o seu percurso na construção hipotética sobre a sexualidade feminina, tem como dois momentos fundamentais. O primeiro, entre 1905 a 1920, período sobre a abordagem iniciais à respeito do desenvolvimento da sexualidade infantil, na perspectiva do modelo masculino – *o monismo sexual*, como referência à sexualidade feminina. Já o segundo momento, a partir de 1924/1925, a sexualidade feminina, ganha uma atribuição por Freud, de uma especificidade própria – *o devir feminino*.

O complexo de castração, na menina, se reflete na ausência de um pênis, através da comparação visual com os meninos, provocando um sentimento de inferioridade, que ela irá buscar uma compensação pela sua falta à inveja do pênis. Na tentativa de uma solução, a essa falta do pênis, como substituição do mesmo, ela se dirige ao pai, através do desejo de possuir um filho dele, que seria o produto substituto do pênis, tendo como base, a promoção do Édipo feminino.

Entretanto, o complexo de Édipo vai sendo abandonado gradativamente, visto o desejo não ser correspondido pelo fracasso do pai, de não tornar real.

Freud conclui no final deste artigo que “os dois desejos, de ter um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente, e ajudam a preparar o ser feminino para o futuro papel sexual”. (FREUD, 2013, V.16, p.213).

Em 1925, no texto: “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica”, Freud diz ter a oportunidade de correção em relação a uma afirmação feita anos atrás. Onde ele acreditava que o interesse sexual das crianças provinha das curiosidades da origem dos bebês. Entretanto, esse despertar desse saber, ele afirma que não era válido à menina. Freud diz: “Com a menina é diferente. Num instante ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter”. (FREUD, 2013, V.16, p.291).

Segundo o autor, há várias consequências psíquicas da inveja do pênis, quando não for assimilada na formação reativa do complexo de masculinidade. Podemos citar, primeiramente, a cicatriz que marca a ferida narcísica na mulher, como um sentimento de inferioridade. Sendo que este pode persistir e, por deslocamento, tornar-se um traço caráter de ciúme; há uma terceira consequência da inveja do pênis, um afastamento da relação afetuosa com objeto materno.

Freud relata que normalmente, a menina responsabiliza a mãe, pela falta de pênis, por colocá-la no mundo de forma tão “insuficientemente aparelhada”; entretanto, o outro mais importante efeito da inveja do pênis, a eliminação da sexualidade clitoridiana, pois há um distanciamento masturbatório, visto não ser da natureza da mulher, pois a prática está ligada à masculinidade, em função da virilidade, tais fatos são constituindo como condição necessária, ao desenvolvimento da feminilidade. (Freud, 2013, V. 16, pg.293).

O fato da ferida narcísica sentida geralmente como humilhação, ligado à inveja do pênis, determina o reconhecimento da diferença sexual anatômica, obriga a menina a renunciar a masculinidade e da masturbação masculina, e se direcionar a novos rumos junto à feminilidade. (Ibid, pg. 295).

Freud ressalta que até nesse momento, o complexo de Édipo, na menina, não desempenhou nenhum papel. Mas, o que desencadeia a seguir é a libido da menina, onde há um deslizamento da posição “pênis” para a posição “bebê”. O desejo de ter um filho é abandonado, passando a desejar agora um filho. Assim, ela toma o pai como objeto de amor, e sua mãe como objeto de ciúme, na sua estrutura edípica, favorecendo condições de tornar-se uma mulher. (Almeida, 2012).

Em 1931, no texto: “Sobre a sexualidade feminina”, Freud reformula algumas descobertas sobre a formação secundária na menina no seu complexo de Édipo. Conforme já citado no texto de 1925 do próprio autor, visto ter uma precedência e uma preparação em referência aos efeitos do complexo de castração. Nesse texto, Freud apresenta uma novidade de que a ligação pré-edípica da menina com a mãe, tem uma intensidade e com longa duração. Há

uma evidência presente de elemento ativo, tanto na atitude do relacionamento da menina com a mãe, quanto na extensão da feminilidade.

A importância da fase pré-edípica na mulher é enfatizada nesse texto, mas do que Freud imaginava, pelo fato de que é necessário repensar a universalidade do Édipo, para isso, considerar primeiro a existência de Édipo negativo nas meninas, referente à fase de uma rivalidade com o pai, há uma ligação com a mãe. Portanto, essa fase de ligação afetiva pré-edípica, Freud afirma que é decisiva para o futuro de uma mulher, pois nesse momento estabelecem os processos favoráveis para a aquisição das características, com as quais futuramente, exercerá seu papel na função sexual e realizará suas apreciáveis tarefas sociais.

Almeida (2012) nos faz refletir: “Como se processaria esse tornar-se mulher?”.

Ao contrário do menino, que na fase fálica se encontra em uma posição edípica, tendo como objeto de amor a mãe e como rival o pai, dando solução ao seu Édipo pelo complexo de castração, para a menina, é a castração que a conduzirá ao complexo edípico. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do menino e sua própria inferioridade. Esse tornar-se mulher, enquanto resolução do Édipo feminino diante da castração apresenta-se como uma operação complicada para a menina, que se rebela contra esse estado de coisas indesejáveis. Diante dessa situação conflitiva e de acordo com o modo pelo qual a menina significa sua castração, restam-lhe três saídas possíveis do complexo de Édipo: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal, propriamente dita.

Segundo a autora, a primeira Saída – a frigidez e a inibição- através da comparação com os meninos e com sentimento de inferioridade com seu clitóris, a

menina renuncia à atividade fálico-clitoridiana, abdica a sua masculinidade, estabelece o processo de inibição sexual, ampliando para outros campos.

A segunda saída – o complexo de masculinidade – sobre ameaça a menina apresenta como processo de intensidade forte, acredita que a fixação à sua masculinidade, ela poderá obter um filho, como resultado sobre uma influência numa escolha de objeto homossexual manifesta.

Finalmente, a terceira saída – é pela maternidade e pela passividade, que poderá tornar-se mulher. Ela terá a possibilidade do encontro do caminho da feminilidade definitiva, ao poder fazer duas substituições: o seu desejo masculino de ter um pênis do pai por um desejo feminino de maternidade (ter um filho do pai) e a outra seria substituição do gozo ativo masculino do clitóris pelo gozo passivo da vagina.

### **3. LACAN: A MULHER, FUNÇÃO DA MÃE, FUNÇÃO DO PAI.**

#### **3.1. Lacan, a função paterna e a função materna.**

Em “Nota sobre a criança” Lacan (1969) relata o fracasso das utopias comunitárias, nessa época dos anos 60, movimento hippie, paz e amor. Eram comunidades que vivam em grupos, em que as crianças eram cuidadas por todos, tendo como a mesma filosofia dos ciganos, todos tinham autoridades por essas crianças, e estas tinham um lugar privilegiado, onde podiam tudo. Entretanto, Lacan diz que o fracasso se deu porque havia respeito entre todos, porém as crianças sabiam escolher quem era o pai e a mãe. Há de se ter um desejo, que não seja anônimo. Trata-se de uma transmissão, de uma constituição subjetiva. Todos faziam as satisfações, das necessidades da comunidade, mas a função de resíduo exercida e mantida pela família nas sociedades era dita como fundamental. Assim destaca a transmissão de outra ordem, ou seja, uma constituição subjetiva. Uma relação conjugal, o ato sexual não tem uma existência, a importância de uma união é objeto residual, de um desejo nomeado à criança, como de um pertencimento, de uma produção do casal. Há de ter uma transmissão de um desejo, que está para além de dar cuidados de higiene e de necessidades, na relação com essa criança, o desejo não é anônimo, mas endereçado aquele sujeito e este voltado ao outro. Tais necessidades dessa transmissão subjetiva, desse resíduo, desse filho, que se julgam as funções da mãe e do pai.

A função da mãe na medida em que seus cuidados trazem pelo interesse particularizado, nem que seja pela sua própria falta, provocam marcas em que esses interesses se articulam, nas diferenças entre os meninos e as meninas, através da influência da cultura. O desejo específico é articulado na cadeia, como desejo, desejo insatisfeito, que não se acaba. O desejo da mãe estrutura a criança, porque deseja alguma coisa para ela, o falo imaginário, para o simbólico, a mãe pode sair de cena.

A função do pai na medida em que seu nome é o vetor, o orientador, de uma encarnação da Lei edípica, a Lei da proibição do incesto, instituindo como ser o sujeito neurótico.

Lacan (1969) apresenta uma concepção elaborada que o sintoma da criança se encontra na condição de responder, como uma denúncia, o que existe no sintomático na relação da estrutura familiar. Na experiência analítica, o sintoma representa a verdade do casal e a verdade do sujeito inserido nesse casal. Esse caso é mais complexo, mas o mais acessível às intervenções do analista. A articulação se reduz muito, quando o sintoma além de ser do casal, também pode ser pela ordem de todas as subjetividades da mãe, na qual o filho fica aprisionado. Aqui é diretamente como correlato de uma fantasia, na qual a criança se implicou.

A criança fica alienada a essa mãe, não tem a Lei do pai, como função de um pai mediador, que lhe assegure uma distância entre a identificação com o ideal do eu e a parte presa no desejo da mãe, assim, deixa a criança uma exposição de todas as capturas fantasmáticas. Tornando o “objeto” da mãe, a criança adquire a função de revelar a verdade desse objeto, sendo que a interpretação torna-se mais difícil.

Segundo Lacan (1969) vai designar que a criança realiza a presença, como objeto *a* da fantasia. Ao substituir a esse objeto, ela satura o modo de falta do desejo específico da mãe, independente da estrutura especial que se apresentar de um neurótico, perverso ou psicótico. Assim, ela aliena em si qualquer acesso da mãe à sua verdade, dando à mãe o que lhe falta, torna-se o próprio objeto de sua existência e a mesma exigência de ser protegida.

O sintoma somático proporciona uma garantia em relação ao que é desconhecido ao sujeito, torna-se como fonte de recurso, sem cessar, para justificar os processos de culpa, a servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial. Nessa relação dual com a mãe, a criança vai propiciá-la como imediatamente acessível, o que falta ao sujeito masculino: o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real, assim ela é oferecida a um suborno maior na fantasia.

Vamos então explorar melhor as concepções lacanianas sobre o Édipo.

### **3.2. Lacan e o complexo de Édipo**

Lacan no Seminário 05 (1957-58): As formações do inconsciente, ao estabelecer os três tempos do Édipo em que no terceiro tempo diz “Eu sou uma falta-a-ser”, seria no sentido que está sempre faltando algo ao sujeito humano, falta um pedaço do corpo, falta uma palavra, falta um gozo. Sujeito sempre castrado.

Lacan toma como base referencial a psicanálise, para explicar o sujeito na contemporaneidade como o sujeito do singular, o inconsciente. Então Lacan vai definir o inconsciente como um aparelho psíquico do campo da linguagem. Para psicanálise, “Os três tempos de Édipo”, o sujeito é uma construção, em que sua constituição se estabelece na relação com outro e este pode se apresentar como o meio, leis, regras, cultura, havendo uma influência mútua.

Lacan estabelece a linguagem a um desejo de uma ordem lógica, para reger o funcionamento do sujeito, a partir de sua capacidade de articular palavras. Antes mesmo de a criança nascer, ela já está inserido no desejo do outro (mãe), com uma rede de significações e uma cultura predisposta. Esse outro de figura de autoridade e não de semelhante. O bebê como objeto significante do desejo da mãe, torna-se o “falo” de uma representação de satisfação daquilo que lhe falta, mas não como um pênis imaginário ou simbólico e sim de objeto que ocupa o lugar dessa falta, um significante universal, que vai falar para o homem e para mulher. Assim, a organização estrutural, que se constitui o sujeito, através da dialética edipiana, que se estabelece, dentro de dois temas primordiais, entre as dimensões do ser e do ter, na interação com o falo. São determinantes à inscrição da criança na função fálica, dentro do processo do Édipo.

O primeiro tempo do Édipo, essa é a etapa fálica primitiva em que estabelece a relação triangular, “mãe-criança-falo”, não é dual mãe-criança. A criança é “assujeitada” ao capricho da mãe, da qual depende, torna-se o desejo da mãe, ou seja, ocupa esse lugar que equivale ao falo imaginário, como objeto

privilegiado e preponderante. Nesse momento não há castração, a mãe está completa.

O segundo tempo do Édipo, a mãe não está completa, pois a criança não a satisfaz, não é o falo, há uma castração. A mãe desaparece e deseja outro para além da criança que é o “Nome do Pai”. Quando o eixo imaginário é interceptado por um terceiro, este traz a cultura para a sociedade. O pai intervém (lei), de lado privando a mãe fálica, e de outro, desalojando a criança do lugar de falo da mãe, ou seja, ela é tirada do seu assujeitamento ao Outro materno, na relação primitiva, esse é um ponto nodal. Então o pai é o falo simbólico, o significante da lei, pelo significado do nome do pai, que introduz ao sujeito simbólico, na linguagem.

O terceiro tempo do Édipo, momento que caracterizado pela saída do Complexo de Édipo, onde a criança percebe não ser mais o falo da mãe e esta também não possui, com isso há uma identificação com mundo fálico (pai), enfrentando a castração, toda cultura é fálica. A criança quer ter o falo e busca naquele que tem, através da identificação com pai como o “ideal do eu”. Esse desejo da criança de ter o falo se descreve como inserção do campo simbólico, para ser constituir como sujeito. A significação do falo estabelece e em ambos os sexos, a identificação do menino com o pai, pelo aquele que tem (o possuidor) e a menina, não identificando com a mãe ela procura no pai, como aquele que tem (o que possui). Com a formação do ideal do eu, o sujeito irá buscar seu próprio desejo. O supereu que compreende a internalização das proibições e censuras parentais, através dos processos de identificações, nas suas relações amorosas, será outro herdeiro do Complexo de Édipo.

Segundo Freud em 1927, no texto: “O fetichismo”, ele demonstra que o sujeito diante da frustração (*Versagung*), como escolha ele terá três formas de negação à castração. Sendo assim, nos três tempos de Édipo e nas três estruturas clínicas, podemos observar a seguinte correspondência, a psicose encontra-se no primeiro tempo; onde o sujeito é o objeto do Outro materno, ele é o falo da mãe, não houve a inscrição do Nome-do-Pai, ocorreu a *forclusão* (*Verwerfung* mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito). A perversão

(*verleugnung*) situa-se no segundo tempo, no qual o sujeito não é o falo, nem o tem, mas nega isso, da mesma forma que desmente a lei, ele goza dividindo o outro. A neurose (*Verdrängung* o recalque) corresponde ao terceiro tempo, onde o sujeito passa por todo o “circulo” naturalmente onde acontece a sua saída deste sujeito do Complexo de Édipo.

No Seminário 16: “De um Outro ao outro”, Lacan (1968-69), faz a colocação da placa giratória e a criança poliforma. A criança é perversa poliforma, seu investimento é em qualquer localização, ela goza em qualquer zona erógena que ela elege. Pode-se dizer que aquilo que é somático vira sonho, aquilo que é perverso atua na fantasia. Um neurótico, o sujeito é dividido com todas as relações possíveis com seu objeto a. No perverso, o objeto é que vai dividir o outro, é o que o neurótico sonha. Como objeto de gozo do outro, o sujeito pode escolher a fobia na neurose ou o fetiche na perversão. Assim, os desejos impossíveis, para a neurose obsessiva, os desejos impedidos de desejos (como prevenção) para fobia e os desejos insatisfeitos, para a neurose.

O conceito da “placa giratória” segundo Lacan, ao fazer a inserção da fobia dentro da estrutura clínica das neuroses, o sujeito deverá tomar uma posição na estrutura, seja do lado da neurose histérica ou da obsessiva. A fobia é o momento do impasse com relação à castração, de um lado há um desejo incestuoso, e do outro horror da castração. O desejo da mãe tem que estar articulado com Nome-do-Pai, o agente da castração, o pai do pecador, que faz a divisão entre a mãe e a mulher. Mas se essa mãe não é separada, em que a função paterna não operou como lei, não pode haver a separação do sujeito. O objeto fóbico vem como solução ao problema, serve para barrar a mãe, ou fazer suplência do significante do Nome-do-Pai. Na neurose a fantasia se coloca como forma estrutural sob o efeito do recalque originário. A fantasia se apresenta como uma tela protetora diante do real, ela se constitui a realidade psíquica. A forma de sintomas fóbicos que o sujeito pode apresentar dentro das estruturas, vai depender da distinção entre os objetos fóbicos e os objetos fetiche.

Segundo Lacan no Seminário 05, a constituição edipiana se apresenta em torno da relação entre o falo e o desejo. Um desejo que é desejo do desejo do

Outro. Há uma constatação de uma falta no Outro, que a partir disso, que o sujeito pode reconhecer sua castração, conseqüentemente ele reconhece o falo como objeto do desejo do Outro. Portanto, no terceiro tempo a posição feminina, como saída do complexo de Édipo, em que faz uma identificação com o falo.

### **3.3. Lacan e a relação mãe x filho-falo**

Quando Lacan retorna a Freud, ele situa a relação mulher e filho no complexo de Édipo orientado pelo complexo de castração. O falo, segundo Lacan, é o significante da falta de, ele nos indica que dentre as ausências essenciais para a mulher, o falo está integralmente ligado a sua relação com o filho: “Se a mulher encontra na criança uma satisfação, é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que a satura” (Lacan, 1957-58, p. 71).

Neste ponto a sexualidade feminina é tratada por Lacan no que diz respeito à relação mulher x falo, e não em sua relação com o gozo. A criança é posta como a solução para a falta da mãe, visto que o falo é o significante da falta. Ser mãe é assumir a falta do objeto essencial para a mulher, ou seja, o falo.

Para a mãe lacaniana, a criança não é apenas seu filho amado ou uma criança que precisa de cuidados, ela é também o falo que lhe faltava e ao se posicionar como falo, a criança se identifica com o significante do desejo materno. O modo como a criança vai se instalar nesta relação da mãe com a falta do falo, ou nessa posição fálica definirá o lugar que esta criança vai ocupar na metáfora do amor da mãe pelo pai, ou como metonímia do desejo da mãe pelo falo.

Segundo Lacan, o cerne da relação mãe x filho é a frustração, no Seminário 05 (1957-8), “As formações do inconsciente” Lacan diz que a criança é frustrada não apenas no seio materno, mas também é pela mãe como objeto. Ambos sofrem incidência do complexo de castração. Para Lacan, a relação mãe e filho sendo marcada pela falta dupla:

“(...) de um lado, pela necessidade de certa saturação imaginária, e, de outro, por poderem existir ali, com efeito, relações reais eficientes com a criança, num nível primordial, instintual, que permanece definitivamente mítico. Existe sempre para a mãe algo que permanece irreduzível no que está em questão...” (Lacan, 1957-8, p. 71).

Para Lacan a maternidade é a plenitude da capacidade de devoração da mulher. No momento em que a mulher atinge esse último estágio da plenitude de devoração, o pai “inicia” seu caminho neste jogo, sendo o elemento que interferirá na relação mãe-filho-falo articulando o pai e a mãe como homem e mulher.

A mãe atua de diferentes formas nos tempos do Édipo, no primeiro momento ela é a lei incontrolável e onipotente, embora atue ao mesmo tempo como simbolização primordial. Essa criança que se identifica com o objeto de desejo da mãe e guarda uma ambiguidade em seu desejo. De um lado o Nome-do-pai, do outro à castração da mãe, que é anterior à experiência da maternidade.

No momento seguinte, o pai exerce função dupla de privação: a proibição do incesto e impedindo a mãe de devorar, de reintegrar seu produto, ou seja, seu filho. Para que o pai consiga exercer essa função, é necessário que a mãe consinta em ser privada pelo pai de seu objeto fálico, e que tal consentimento seja subjetivado pela criança.

No último e terceiro momento, o pai deve sustentar a promessa fálica, para que a criança possa assumir sua escolha sexuada. O objeto de desejo materno é reinstaurado ao falo, não sendo apenas algo que possa ser privado pelo pai.

Lacan diz que o pai e a mãe são dois significantes, e que haverá ação de substituição do significante do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai e que o falo é atribuído ao significado enigmático do desejo da mãe, produzindo uma distância entre o objeto de desejo, o falo e a criança, distância essa que formaliza que o falo não encobre totalmente a criança.

A metáfora paterna tem como função a divisão do desejo materno, ou seja, a compreensão de que a criança não é o mundo da mãe, tornado necessário à mãe buscar o significante do seu desejo no corpo de um homem.

### 3.4. A relação criança entre a mãe e a mulher

Para termos uma compreensão mais esclarecedora de como a metáfora paterna tem a função, no que se refere à mulher, como sintoma para o outro. Isso implica de como o homem tem que fazer para essa mulher seja sintoma para ele. Todos esses processos como vimos nos capítulos anteriores, tem como resultado ao direcionamento da criança entre a mãe e a mulher, poder ir ao encontro do seu desejo, ser o sujeito.

A sexualidade para Lacan, principalmente a feminina, traz uma relação da criança entre a mãe e a mulher. Falar de identificação com o falo, numa posição feminina, consiste para o autor referente à própria relação da mulher com o falo, que inicialmente teoricamente não é abordado como propriamente ao seu gozo, de um ser desejante, mas o falo como um significante, que marca nessa relação um ser de uma falta.

Teresinha Costa (1942) faz referência a Lacan no Seminário, livro 22: *R.S.I.* (1975) que em sua tese apresenta uma nova versão do pai, de complementação ao conceito da metáfora paterna, à Lei, o Nome-do-Pai, em que faz uma revisão da sua concepção da posição paterna. Esse pai toma a sua mulher como objeto causa de desejo, conforme ao desejo de homem referente a essa mesma mulher, que é a mãe de seus filhos, numa posição de objeto a.

Assim, Lacan propõe a diferença do pai a partir desse objeto a, na lição de 21 de Janeiro de 1973, a tese *père-version*, quando um pai só tem direito ao respeito e ao amor se põe em jogo seu desejo perverso em relação à mulher, na medida se fizer de uma mulher o “objeto pequeno a causa seu desejo”. A expressão *père-version* (versão do pai) é obtida pela perfeita homofonia como *perversion* (perversão) (COSTA, 1942, p.70).

A operação da metáfora paterna precisa ocorrer, para que seja possível a criança ter como construir seu próprio sintoma, no qual ela poderá se distanciar do lugar de objeto, que ocupou no início na fantasia do Outro, assim, permitirá que ela torna-se a sua constituição, um sujeito desejante.

Vamos assim passar aos fragmentos do caso clínico de uma menina, sua mãe e seu pai para que possamos avançar em nossa discussão teórica clínica.

#### 4. FRAGMENTOS DE UM CASO CLÍNICO DE UMA MENINA, SUA MÃE, SEU PAI E O FALO

Jovem adolescente “Mafalda”, de 12 anos estudante do 6º ano, em atendimento na clínica psicanalista do SPA-PUC, encaminhada pelos pais com demanda de apresentar problemas no colégio antigo, por ter sofrido *bullying*, bem como o incômodo dos pais da filha não querer que estes reatem o casamento e de estar apresentando curiosidades sobre a sexualidade.

A escolha da alcunha “Mafalda” veio da inspiração de uma personagem de uma novela da Rede Globo, personagem esta que é uma adolescente curiosa sobre a sexualidade e às voltas com questões sobre a diferença sexual, sobre gravidez e outras questões da mesma temática. É esta personagem que aparece recorrentemente na fala de nossa paciente adolescente, que emprega os mesmos termos que a personagem ao se referir aos órgãos sexuais: “cegonha” e “cegonho”. Doravante, será então como Mafalda que iremos nos referir à nossa paciente atendida no SPA que ilustra nossa monografia.

Além das questões parentais nas quais se encontra envolvida, Mafalda se vê as voltas também com questões relativas à sua auto imagem, questões de um “cecê” , chega se desculpando de estar “cheirando mal” – esse odor das axilas é o principal motivo de *bullying* que sofria na escola. Não tinha noção do cheiro e isso era apontado pelos colegas.

Mafalda é a caçula e tem três irmãos dois adultos e um adolescente de 15 anos, sendo que dois irmãos paternos com os quais tem pouco relacionamento devido ao pouco contato com os mesmos. Um irmão materno, que tem mais contato, pois este mora com sua mãe, com o qual a paciente tem um bom relacionamento. Esses meios-irmãos paternos também foram afastados do convívio paterno devido a litígio e brigas com a ex-mulher, mãe de seus filhos, que – segundo o relato dos pais - chegou a fazer alienação parental.

Os pais de Mafalda vêm de outros relacionamentos conjugais, estão em segundas núpcias. Nas entrevistas os pais contam que houve traição de ambos no casamento deles, tendo como um dos motivos da separação atual do casal, visto

que ambos referidos a um olhar de desejo para outra mulher, ambos se envolveram com mulheres - fato que não é verbalizado pelos pais de que a filha tem consciência e nem expresso pela mesma, nas sessões. Embora Mafalda tenha presenciado várias discussões dos pais, inclusive em uma das discussões sobre essa traição do pai a paciente participa passivamente estando no colo do pai - situação na qual a mãe chega a pegar uma faca -, isso não é mencionado por Mafalda.

Nas entrevistas com os pais e com Mafalda existe o relato de duas cenas discussões que envolvem faca: uma cena da mãe, numa discussão com marido, de posse de uma faca, querendo uma atitude do mesmo, pela traição dele, este com a filha, no colo dele, com quatro anos na época. A outra cena foi da filha, na época atual, na sua segunda sessão, relata numa discussão com o pai, em que pega a faca, para se cortar, como represália, a várias cobranças de tarefas a fazer demandadas pelo pai e pela avó paterna autoritária. Diante das posições dos pais, e a demanda da paciente, que traz para análise dela, não tendo compreensão, angustiada, pedindo que a analista dê respostas as suas questões. E Mafalda verbaliza para a analista “Ah, mas deu tudo certo, nunca mais a gente brigou, resolveu o problema”, alegando que assim o pai a escutou – repetindo a cena da faca, presenciada da discussão dos pais aos quatro anos de idade.

Mafalda quando começa a análise estava morando com o pai depois da recente separação conjugal e embora tenha sido sempre o pai – pela disponibilidade de tempo – o principal cuidador de Mafalda, o motivo de ela morar com o pai foi um AVC da mãe, que a deixou insegura de ficar cuidando sozinha da filha com medo de passar mal ou faltar a ela. Por esse motivo Mafalda fica com o pai que volta a morar com a sua mãe depois da separação, enquanto a mãe da paciente fica morando com o filho adulto do primeiro casamento. Essa decisão é dada a Mafalda, os pais explicam as restrições de saúde da mãe, assim como destacam como a logística e a estrutura se encontram na casa da avó paterna, induzindo Mafalda a escolher a casa do pai.

Nas entrevistas Mafalda conversa sobre seu cotidiano, a escola, a família, a casa que mora com o pai e a avó paterna, a casa que mora com a mãe e o meio

irmão, comenta o setting analítico onde fica extremamente interessada no “buraco”. O SPA da PUC estava em obras e chegamos a utilizar uma sala que estava com um buraco no teto preparando para entrar um ar condicionado, buraco este que Mafalda passa a se ocupar e a interagir. Inclusive jogando massinha de modelar no buraco encenando brincadeiras em consultas diversas. A paciente adora brincar com as massinhas, fazendo bolinhas coloridas, boneco e impressões digitais, em ambos os lados, apoiando os dois cotovelos, sobre elas ou massageando-as no seu rosto, que no final diz gostar do cheiro e provar um pedacinho. Gosta também de fazer desenhos de “rabiscos coloridos”, que no início não sabia dizer nada, mas que gradativamente, eles foram acrescidos com elementos referentes à suas queixas e algumas encenadas por ela.

Mafalda traz para o setting relatos de identificação com personagens tanto da novela “Escrava Isaura” como com os escravos da série da TV Globo: “Liberdade, liberdade”, que conta a história da filha desconhecida de Tiradentes, e de adorar estudar a disciplina de História. Outro programa que traz para as consultas é a novela de época das seis “Eita mundo bom” da Rede Globo onde uma personagem adolescente chamada Mafalda se vê as voltas com questões sobre a sexualidade feminina e masculina, utilizando os eufemismos de “cegonha” e “cegonho” para falar dos órgãos genitais. Nesse momento, acontece o período em que Mafalda paciente, tem a primeira menarca e começa a menstruar.

Essas questões da eclosão da sexualidade aparecem na relação com as colegas, as quais inventam brincadeiras “lengua molengua”, que batem palma e batem mão no peito, uma da outra, até chegar uma terceira colega, que corta a brincadeira e recebe o nome de “efeitos da fulana”, e também as brincadeiras que ri até se urinar. Aliás, a enurese noturna é um sintoma frequente quando se excita com programas de TV, de brincadeiras de amiga e outros fatos diurnos. Relata episódio onde sabe que uma menina está tomando banho e vê o braço somente, mas impressiona-se com o sutiã de renda azul pendurado, pois acha muito grande e imagina o “peitão “dessa menina””.

Sempre apresentando um estado de poli queixosa, sobre várias situações como: estar chateada não queria fazer judô, dizendo não imaginar, caindo,

rolando, e batendo a mão no chão, tendo mau jeito, com dor no pescoço lutando com os meninos e fica suada. Sente nojo quando está em situações na escola, em que alguém peida, arrota, grita, e de falar com dificuldade a palavra sexo, fazendo sinal da cruz. O corpo, suas excrescências, excrementos, movimentos lhe causam incômodo.

Apesar de gostar de alguns meninos e sentir-se atraída por eles, diz também que são chatos e metidos a serem nerd e de ficarem colados com as suas amigas, que ela mais gosta, mostra ambivalências em relação a eles os ama e odeia. Fica observando as outras meninas, menciona a “garota popular da escola” que conhece a todos e quem Mafalda odeia, bem como menciona a “garota problema”, fofoqueira, que arruma confusão, levou duas advertências e se mete no grupo da Mafalda, inventando mentiras, “ela é muito falsa”.

Em suas primeiras entrevistas com a paciente, a analista dedica-se a uma análise do caso e construção de hipótese diagnóstica. A paciente referida como Mafalda, encontra-se num período de latência, que para uma adolescente, está marcada no momento de transição, adormecida à pulsão sexual, com as pulsões parciais, nos estudos e jogos. Suas questões, curiosidades sexuais, sua pulsão escopofólica nos remetem ao famoso caso Dora tão conhecido e explorado em psicanálise como o emblemático caso de histeria. Mas a nossa Mafalda é mais jovem que Dora e encontra-se em etapa anterior, na passagem da latência para a adolescência.

Segundo Ribeiro (2003) a latência tem como conceito um constructo teórico necessário, para demarcar a eclosão bifásica da sexualidade humana. Consiste numa temporalidade do inconsciente, pelo qual a latência está implicada com o tempo de compreender. Através duas fases importantes, na infância entre o instante de ver que provoca um trauma sexual, ao momento de concluir, pelo o desabrochar da primavera do sexo na puberdade e adolescência, tendo como resultado uma clivagem da sexualidade infantil perverso polimorfa.

O momento do ápice é o sujeito referente a essa eclosão, do seu encontro com real do sexo e o trauma que se dá, num efeito, visto o mesmo se confrontar com uma invasão no sujeito, com a sexualidade e o significante. Mafalda traz o

real de seu corpo, seu cecê, o nojo desse corpo, do sutiã pendurado que remete ao seio, das cegonhas e dos cegonhos para a cena analítica.

A latência não se trata de um período de desenvolvimento do sujeito, mas de um processo de construção, do qual há uma demarcação do tempo na realidade sexual inconsciente. Inicia na infância o primeiro tempo do trauma, onde as manifestações das sexualidades ainda podem desafiar a lei do recalque, e que será ressignificada a partir da puberdade. Se tratando de um percurso da busca do conhecimento de um saber, para a conclusão do seu projeto, a criança pela pulsão escópica, que segundo Freud (1905), o desejo de ver a cena primária é sublimada em desejo de saber, que leva o sujeito à imersão na cultura, reforçando o recalque por meio da amnésia infantil, que garante o inconsciente como um saber do qual o sujeito pouco sabe ou nada sabe. Não há uma oposição entre a expansão do saber consciente e o saber inconsciente, nessa construção, de início e sim a favor de um propósito a ser alcançado. (Ribeiro, 2003, pg. 50). E assim Mafalda vai espiando as cenas diversas como o banho da menina na escola, assim como espia a analista, pedindo para apagar e acender a luz do consultório, para ver se enxerga a analista no escuro e na luz. Quer e não quer ver, quer e não quer saber...

Mafalda em seu complexo de Édipo, através de suas curiosidades das estórias do cegonho e da cegonha, articulados as suas curiosidades sobre a sexualidade, apresenta uma ambivalência (amor e ódio), pelos seus pais, do seu desejo de que os mesmos não reatem o seu casamento. Em seu discurso analítico, ela manifesta o desejo de não ver os pais se beijando, diz sentir nojo e que eles não combinam, que são diferentes e ela expressa gostar de ter duas casas, o amor de cada um, com benefícios, como ter um quarto para ela, roupas, computador, comida e atenção e carinho.

Mas a expressão “Não combinam, porque eles são diferentes”, a paciente diz que o pai dá mais atenção à mãe, do que para ela, logo interpreta: “Meu pai gosta mais da minha mãe”. Assim, tendo um enamoramento com o pai, separa-o da mãe, o pai é só dela, distanciando os dois. A paciente tem uma identificação forte com esse pai, que tem um olhar para essa mãe, que provoca nessa filha um ódio por essa mãe castrada, fálica, que está separada do pai, sem desejo do

mesmo, a mãe diz isso para filha, de não querer mais voltar para o ex-marido. Mafalda tenta resgatar o amor de sua mãe para ela, dentro desse quadro de separação, voltando-se agora para a mãe, pois anteriormente, apresentava uma agressividade forte.

Tenta um enamoramento pelo pai que a barra apontando que seu desejo maior está na mãe dela, ao mesmo tempo em que tenta encaminhar esse desejo para a mãe que também está indisponível para ela. No resgate do amor da mãe também se encontra a busca de respostas para esse corpo feminino que emerge, assim como as questões correlatas.

Na análise começa a questionar se a mãe a ama, se a quer e se dirige à mãe em busca dessa resposta e a mãe assegura que a ama e a quer. Concomitantemente o convívio do pai começa a trazer para Mafalda críticas que até então não fazia, como pai era chato, inconveniente, cheio de reclamações e etc. E Mafalda consegue assim dizer que quer morar com a mãe e assim o faz.

Entretanto essa mãe é reticente em responder as perguntas que a filha faz, pois Mafalda busca nessa mãe suas respostas sobre a curiosidade do sexo, do qual sua mãe lhe dá algumas respostas, embora não muito satisfatórias para a filha, que a deixa com muita angústia e nas sessões traz suas queixas, e se direciona a analista, situando-a no lugar de endereçamento, de um suposto saber, do seu apelo fazendo algumas perguntas, a fim de obter algumas respostas, mais esclarecedoras. Essas queixas se agravam, pois do pai, ela também não obtém respostas nenhuma. Fica uma evidência que diante da fala da paciente e as entrevistas dos pais, ambos os professores, que eles têm dificuldades para falar sobre os assuntos de sexualidades, por causa de suas próprias histórias de vida, ou seja, suas vivências.

Entre os motivos dos pais procurarem análise para a filha foi o que descreveram como “comportamentos destemperados”, que estaria estressada com surtos de agressividades, curiosidade sobre sexualidade, com perguntas sobre o tema e a negação dos pais reaterem a relação, entre eles, e dela se envolver com amizades de má influência, na escola. Nessas entrevistas parentais, algumas delas solicitadas pelos próprios pais, na tentativa de realizar uma terapia do casal, que a

analista estabeleceu o manejo da transferência, para reverter o foco nas questões a serem abordada referente à paciente, limitando-as as questões de Mafalda, porém foi feito uma proposta de um encaminhamento para tratamento analítico, para ambos os pais. Sendo, que somente o pai buscou a análise, enquanto a mãe se mantém resistente, alegando não ter tempo, embora reconheça à necessidade.

Assim, conforme os pais, ambos com dificuldades com suas respectivas sexualidades, Mafalda é implicada na posição do sintoma do casal parental, denunciando aquilo que é silenciado e recalcado pelos pais. Nesse sentido que Mafalda evoca em suas associações livres no setting as identificações com personagens “escravos”, que são alejados e submetido a outro detentor do saber e do poder, sendo idealizados em busca de justiça e do saber sob o ponto de vista histórico. A busca pela legitimidade do discurso dos escravos assemelha-se ao pleito de Mafalda em poder saber de “sexo”, “pênis”, ”vagina” e outros assuntos que já sabe e os pais não querem falar e querem mesmo calar. Ela se queixa que eles nada explicam e tanto o pai como a mãe desviam dos assuntos das “curiosidades femininas” que diz serem “normais”.

Nesse sentido, a paciente coloca-se numa posição de objeto a, como causa de desejo do Outro, para atender à demanda dos pais e a dela também, pois a mesma se encontra no escuro, que a luz possível para sua melhora é a sua análise – como apaga e acende a luz do setting analítico -, no qual vai poder decifrar seus questionamentos de suas pesquisas do saber sobre ela, sobre a sexualidade, sobre o feminino e o masculino, sobre desejo e poder percorrer, para novos caminhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o trabalho apresentado, podemos observar que a família é uma instituição, que influenciada pela cultura, passa por transformações na construção de seu modelo. As grandes mudanças sociais que ocorreram na família e nos casais justificam sua configuração atual. Inicialmente a família só pode conquistar seu espaço, a partir do final da Idade Média, em que foi possível surgir o nascimento e o desenvolvimento do sentimento de família, inseparável do sentimento de infância. Com enfraquecimento da concepção de linhagem e as tendências à indivisão da família, ela sai de um estado silencioso e ganha um valor maior, e exaltada pelas forças da emoção. Logo, a família se expressa sobre uma formação de sentimento intenso entre os pais e seus filhos. Portanto a família, bem como a conjugalidade, em sua transformação foi na medida em que ela se modificou suas relações internas com a criança.

A família concentrou-se em torno da criança, onde os pais conscientes puderam assumir suas responsabilidades na criação, na educação e na formação de seus filhos. Pela necessidade nova de rigor moral, de isolamento da juventude do mundo dos adultos e dos pais poderem vigiar seus filhos, mais de perto, sem precisar abandoná-los aos cuidados de outras famílias. Foi imprescindível a substituição da aprendizagem pela escola, onde possibilitou aproximação dos membros das famílias, entre os pais e filho, como também os sentimentos de família e da infância, que antes eram separados.

Observou-se que para atender as novas demandas, a família precisou de uma nova organização social, onde necessitou de um isolamento, de um distanciamento da vida particular da pública. Para um espaço de maior intimidade na família, foi preciso uma reorganização da casa moderna e reforma de costumes. A redução da família, com acesso limitado em seus interiores mais fechado da casa, somente pelo corredor, assegurando uma independência e proteção aos membros da família, evitando o contato com outras pessoas estranhas. Há uma separação da vida social, profissional e privada. Portanto, a saúde e educação passaram a ter um valor relevante na sociabilidade, que antes era moral e social. Dentro das obrigações sociais, o processo de individualização, começa a ser

instalado, para a formação dos membros da família. Assim, a família torna-se um sistema fechado, um isolamento na busca do prazer particular, ou seja, torna-se uma família nuclear, composta entre pais e filhos, envolvidos em um sentimento de família, que se mantém até os dias atuais, com poucas modificações.

Constatou-se que na sociedade ocidental moderna surgiu como fenômeno de massa, a idealização onde o amor romântico, ligado à construção do amor materno, era como um projeto de felicidade, numa união dentro de um casamento. A família patriarcal moderna passa a se organizar nesse sistema, com promessas de um futuro garantido. A nova família passa a exercer papéis definidos, dentro da dicotomia entre o privado e o público. Sendo que ao espaço público, o homem se afasta do lar, para trabalho remunerado, sendo o provedor de recursos às necessidades da família. A mulher se isola no espaço privado, cuidando dos filhos e o bem estar do lar.

Para compreensão da formação da família moderna e sua transformação foi necessário o entendimento da construção da conjugalidade contemporânea. Nesse momento o processo de individualização ganhou uma relevância e o que se busca no relacionamento é um espaço que promova entre os seus membros, a independência de cada um. O foco de atenção é nas relações interpessoais. Há um distanciamento entre os círculos de parentes e a família nuclear, devido não haver mais valorização de uma dependência entre eles. Portanto a família nuclear vai promover uma construção de zonas comuns e seus membros terão uma participação em suas convivências, a fim de buscar uma autonomia e autorrealização pessoal.

Foi possível verificar que na conjugalidade contemporânea, as relações são constituídas em torno dos indivíduos e da construção de suas identidades. A constituição do casal é composta por dois sujeitos, sendo que cada um apresenta sua individualidade específica e uma conjugalidade mútua entre eles. Nessa articulação, existe uma interação das duas individualidades, herdadas pela história de vida individual, com seus desejos, seus sonhos, seus projetos, com percepções de visão do mundo muito diferenciadas, entre si. Mas que no convívio dentro da conjugalidade, sua constituição é feito de modo compartilhado, ou seja,

tem um comum acordo, de desejo, projeto a partir da formação da identidade conjugal.

No entanto, verificou-se que para que a conjugalidade seja construída de forma saudável é necessária sobre uma transformação dentro da relação conjugal, no qual os indivíduos envolvidos se comprometem a esse propósito, sendo que há uma preservação perceptível da individualidade de cada um. A formação da conjugalidade tem como base o respeito e a consideração às diferenças individuais. Essas construções em comum não sofrem ameaças, pois são preservados os espaços das diferenças individuais e o que se compartilham são os valores construídos conjuntamente.

Portanto, a relação do casal quando não se estabelece de forma rígida, de papéis não fixos, possibilitará que os indivíduos em suas relações e suas interações, possam adquirir uma aprendizagem melhor em suas dificuldades pessoais.

É nesse contexto que se forma a conjugalidade dos pais de Mafalda, bem como suas concepções de masculino, feminino, maternidade, paternidade e etc. Além das construções sócias culturais, são os desejos e as construções edípicas e modos de relações de objeto que esse casal parental oferta aos filhos que daí advém. É desse berço real, simbólico e imaginário do qual Mafalda advém.

Nesse sentido que relemos o Seminário: R.S.I., em 1975 , que segundo Costa (2010) e Miranda (2002) é quando Lacan em sua tese da *père-version* leva em conta o real do objeto a e quando introduz a particularidade do gozo nas relações entre o pai, mãe e a criança. O falo como quarto elemento nessa estrutura complexa, onde esse pai está numa posição diferenciada, que não é do dever, o da Lei ou do educador, mas daquele sendo orientada, vetorizada essa versão do pai, já que não pela transmissão do falo, que a versão de um objeto, mas pela via da metáfora paterna, ou seja, o Nome-do-Pai, conforme Lacan nos diz:

“Ele só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito-amor, o dito-respeito, estiver *père-versamente* orientado, isto é, feito de uma mulher, o objeto pequeno a que causa seu desejo, mas o que esta mulher em pequeno a-colhe, se posso me exprimir assim, nada tem a ver na questão” (Lacan, J, 21/01/75, inédito).

Portanto, a posição em que a mulher se coloca como objeto a, causa de desejo para um homem, há duas demarcações: a falta, o furo, que se faz presente uma evidência de uma castração, o gozo perdido, para o homem e ao mesmo tempo, ela sendo não-toda fálica, como mulher aponta o gozo perdido, conseqüentemente para aqueles que estão na norma fálica. “Não há gozo do Outro como tal. Não há aval encontrável no gozo no corpo do Outro que só faça gozar do Outro como tal” (Lacan, J., 21/01/75, inédito). Assim nessa operação lógica, só é possível, na medida em que esse homem crê nessa mulher, que se tornou um sintoma para ele, mas crê também, que ela tem algo dizível, do qual possa ser decifrado. (Miranda, 2002, pg 32).

Recordemos aqui os fragmentos trazidos do caso clínico e como Mafalda ao se deparar como furo do teto do SPA dedica recorrentemente a construir nas massinhas um modo de lidar/tapar esse furo do real, em várias sessões Mafalda com o objetivo de diminuir o seu incômodo, da presença do furo, tenta acertá-lo, através da brincadeira de jogar as bolinhas de massinhas coloridas, para atingir o alvo.

Lacan (1975) afirma: “É o desejo da mulher, para além da mãe, que impõe a cada sujeito a questão que norteia a constituição da fantasia fundamental: ‘*Che vuoi*’, o que o Outro quer de mim?”. Uma resposta que para o filho não consegue dar conta, a todo o desejo da mulher. A mulher à sombra da mãe demarca o seu limite, pois ela introduz ao sujeito o indizível, a falta, à medida que não está no campo do significante. (COSTA, 1942, pg.75).

Nos relatos de Mafalda de brincadeiras com as amigas, a curiosidade escópica do sutiã de renda azul, tamanho grande da menina, que tomava banho, que ela imaginava a mesma ter um peitão, faz referência atividades pela busca de significantes, o indizível.

Tanto Freud como Lacan, a mãe ocupa um papel primordial e determinante na caminhada do sujeito em sua estrutura psíquica. Nessa relação de mãe x filha, que é marcada pela falta e também marcada pelo excesso, por algo que não cabe e que ainda não é possível assimilar.

A figura da mãe possui uma força voraz que influencia diretamente na posição da mulher, de cada mulher, no que diz respeito ao ser mãe e de como cada criança se aninha nesta força para saciar o desejo materno pela falta do falo.

A maternidade não é resposta para o que se pergunta com relação à sexualidade feminina, é muito mais do que isso e um substituto para resposta da pergunta histórica “O que é ser mulher?”.

A relação mãe x filha, não é em seu meio uma relação de completude ou harmoniosa, é uma relação de falta, estruturada no menos, ao mesmo tempo em que é encharcada pelo excesso e pelo gozo. Nesta relação não é possível o encontro sem o desencontro, pois nela há o encontro com o que falta, o horror à castração, logo há um furo no real, para ambos os lados nessa relação. “Há uma convergência entre a paternidade e posição masculina, mas o mesmo não acontece em relação às mulheres, pois ocorre uma disjunção entre ser mãe e ser mulher, entre maternidade e feminilidade”. (COSTA, 1942, pg. 76).

Cabe então à filha buscar uma saída ao seu desejo, pois a criança nessa nova versão da metáfora paterna, ela está como objeto a para a mãe, em relação da fantasia desta, mas também em relação com o sintoma do pai. Somente pela via da interpretação do desejo da mãe, que está para além desta, o encontro da mulher que existe com o seu real desejo, o seu gozo. Direcionando a criança as suas próprias escolhas à sua sexualidade.

E assim escutamos Mafalda e seu “Che vuoi?”. Mafalda não recebe de sua mãe respostas para o que é ser uma mulher e Mafalda se volta para as outras mulheres e para os homens para esse devir, para esse saber a ser construído. E a análise e a transferência se ofertam como lugar para acolher essa puberdade e o reencontro com as questões ligadas ao feminino e a identificação.

É para a analista que Mafalda se volta e questiona através da sua busca de saber, pesquisando sobre ela, a sexualidade, o feminino, o masculino, o desejo – através das brincadeiras de massinhas, desenhos coloridos, jogos, e também como apaga e acende a luz do setting analítico -, proporciona uma redefinição subjetiva, para poder percorrer, para novos caminhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. *Feminilidade: caminho de subjetivação*. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 38, p. 29-44, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 27 dez. 2016
- ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2ª Edição. Rio de Janeiro. LTC, 2006.
- COSTA, T. (1942). *“Édipo”*. In: *Psicanálise passo-a-passo*; 89. Rio de Janeiro Edição: Zahar, 2010.
- DA ROCHA Miranda, E. (2002). *“Debilidade mental e estrutura clínica”*. In: Dissertação de Mestrado em Psicanálise – Instituto de Psicologia, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- FREUD, S.(1895[1950]). *“Projeto para uma psicologia científica”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 1, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1900). *“A Interpretação dos sonhos”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 5, 1996.
- \_\_\_\_\_.(1905). *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 7, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1913). *“Totem e Tabu”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 13, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920). *“Mais- além do princípio do prazer”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 18, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1921). *“Psicologia das massas e Análise do eu”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. 18, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). *“O Eu e o Isso”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 16, 2013, p. 13-74.
- \_\_\_\_\_.(1924). *“A dissolução do complexo de Édipo”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 16, 2013, p. 203-213.
- \_\_\_\_\_.(1925). *“Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição

Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 16, 2013, p. 283-299.

\_\_\_\_\_.(1927). **“O fetichismo”**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 17, 2014, p. 302-310.

\_\_\_\_\_.(1931). **“Sobre a sexualidade feminina”**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 18, 2016, p. 371-398.

\_\_\_\_\_.(1933). **“A feminilidade”**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Companhia das Letras. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza, V. 18, 2016, p. 263-293.

LACAN, J. (1956-57). **“O Seminário, Livro 4: A relação de objeto”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-58). **“O Seminário, Livro 5: As formações do Inconsciente”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1969). **“Nota sobre uma criança”**. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_.(1968-69). **“O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_.(1974-75). **“O Seminário, Livro 22: R.S.I.”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, livro inédito.

MACEDO, Maria R. **A família do ponto de vista psicológico: Lugar seguro para crescer?**. [Coordenadora do Núcleo de família e comunidade da PUC-SP]. Disponível em:<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>>. Acesso em: 27.12.16.

RIBEIRO, M. A. C. **“Tempo de latência”**. Revista Marraio- Editora Rios Ambiciosos/Formações Clínicas do campo Lacaniano, n.5. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

SINGLY, F. (1993). **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar**. In: PEIXOTO, C. E. SINGLY, F. de; CICHELLI, V. (Orgs.). Família e individualização. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 13-19.

VATSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidades, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VEIGA, Carlos Eduardo. **“Sem “Nós” dois, o que resta sou eu: os caminhos para a separação conjugal”**. Tese de Doutorado, Puc-Rio, Orientadora: Profa Terezinha Féres-Carneiro. Ano 2001.